

O coração da mata pede socorro

Yanomamis, brancos e presidentiáveis debatem a vida dos donos da terra



Intervenção sobre foto de Cláudia Andujar

Severino Coelho

Rios envenenados pelo mercúrio, desaparecimento dos peixes, barulho ensurdecedor de aviões espantando a caça, fome, desnutrição, surgimento de doenças venéreas, proliferação da malária como uma peste. Os índios Yanomamis estão acuados pela morte, configurando uma situação de genocídio, com todas as letras, em pleno ano das comemorações dos direitos do homem e do cidadão. A vida dos Yanomamis está ameaçada desde que uma legião de garimpeiros passou a invadir o seu território, em busca do ouro, instalando um estado de faroeste onde a violência é a lei.

A escalada do genocídio chegou a um ponto desesperador. Os Yanomamis estão pedindo socorro aos amigos brancos. E, para defender a vida dos Yanomamis, várias lideranças indígenas e entidades da sociedade civil estão preparando, para esta semana em Brasília, uma grande mobilização, que inclui debates com presidentiáveis, entrega de documentos a ministros e parlamentares, manifestações públicas. To-

dos os presidentiáveis que estão aparecendo nos programas de debates na televisão foram convocados. Fernando Collor já mandou avisar (por telegrama) que não vem.

É possível que Lula, Brizola e Roberto Freire participem. De qualquer maneira mandarão representantes. Ulysses Guimarães também mandará representante. Mais de 200 lideranças indígenas estarão presentes para brigar pela vida dos Yanomamis. A mobilização tem em mira três alvos principais: a retirada de todos os garimpeiros instalados ilegalmente no território Yanomami; a devolução aos Yanomamis dos setenta por cento de suas terras que foram demarcadas como parque e florestas nacionais e um plano de saúde emergencial.

Davi Yanomami Kopenawa, Prêmio Global 500, da ONU, traça o quadro de uma situação-limite. Os índios não têm como escapar da fome, da malária, do barulho dos aviões. "Algumas malocas estão vazias: Os rios onde a gente bebe água estão poluídos pelo mercúrio. A gente come peixe, caranguejo, camarão. A caça foge com o barulho dos aviões. As crianças estão se acabando. Os

garimpeiros trazem doença para meus parentes. Tem muito garimpeiro bem no coração de nossa área. Em nossa região fizeram muitas pistas de pouso. Os meus parentes que estão lá pegam malária direto. A malária está chegando também na cabeceira do rio Catrimani, onde não anda médico".

Representantes do movimento "Ação pela Cidadania", integrado por entidades da sociedade civil OAB—Ordem dos Advogados do Brasil, ABI—Associação Brasileira de Imprensa, SBPC—Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, CNBB—Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, CCPY—Comissão pela Criação do Parque Yanomami, entre outros) visitaram a região de Papiu, na área indígena de Surucucú, onde vivem os Yanomamis. Eles confirmaram as denúncias dos índios.

Durante o Governo do Presidente José Sarney, o território Yanomami foi reduzido em setenta por cento de sua área. Dos nove milhões de hectares delimitados no Governo Figueiredo a área Yanomami se pulverizou em 19 áreas, batizadas de "ilhas", totalizando 2,4 milhões de hectares. O

que sobrou se transformou, por decreto, em "Parque Florestal", na onda da demagogia ecológica. O "Parque Florestal" foi a senha que abriu caminho para o estouro da boiada de garimpeiros em busca do ouro. Em seu artigo 231, parágrafo sétimo, a Constituição proíbe o garimpo em terras indígenas.

O Governo assiste de camarote ao massacre dos índios. E, ao que parece, não está sozinho: "É estranho como a imprensa internacional tem abordado a questão dos Yanomamis com muito mais ênfase do que a imprensa brasileira." — observa a fotógrafa Cláudia Andujar, representante da Comissão pela Criação do Parque Yanomami. As entidades ligadas ao movimento indígena calculam que o número de garimpeiros que passou pela região já ultrapassou a 40 mil.

Romero Jucá, atual governador de Roraima e ex-superintendente da Funai, é apontado como o principal estrategista do genocídio Yanomami: "O Governo está usando os garimpeiros para acabar com os Yanomamis — afirma Davi. Romero Jucá está fazendo tudo para aca-

bar com o índio".

Segundo Davi, uma nova pista de pouso está sendo construída, em Uchuí, perto do rio Catrimani:

"O Governo Jucá diz que vai fazer uma cidade dentro da área Yanomami. O povo Yanomami não quer dinheiro. Nós queremos é a área da demarcação. Eu já pedi, três vezes, a saída dos garimpeiros ao presidente Sarney. Acho que ele é muito fraco.

No Surucucu, dia 11 de agosto, os garimpeiros mataram duas índias e um menino, a duas horas de caminhada até onde fica um posto da polícia do Exército — segundo Davi: "O Exército nem se mexeu. A Funai também não fez nada. Por isto eu fico revoltado com a Funai". Os garimpeiros estão fazendo roçados em áreas indígenas: "Seu Zeca Diabo, chefe dos garimpeiros, quer levar 60 famílias japonesas para fazer a colonização dentro de nossa área". Os índios vão tentar mobilizar as atenções também fora do País para pressionar o Governo brasileiro: "Isto é o mais importante para salvar a vida dos Yanomamis. Os Yanomamis estão pedindo socorro aos amigos brancos".

Corrida do ouro é o calor da febre

Existem dois médicos para cuidar dos 35 mil índios de Roraima. Um deles é Oneron Pitanga. Ele trabalha na "Casa do Índio", da Funai, em Boa Vista, e está impressionado com as transformações no quadro de saúde dos índios Yanomamis. O nível de "morbidade" aumentou sensivelmente, as doenças desconhecidas ou pouco conhecidas se alastram. Os índios estão vulneráveis. Quando os agentes agressores chegam, toda a comunidade adoece junta. Uma simples gripe pode virar uma epidemia. A resistência dos índios é baixa: "Eles não conseguem mais sair para procurar alimentos. Em algumas malocas você não vê mais crianças de zero a cinco anos nem velhos — comenta Oneron.

Tudo isto tem a ver, diretamente, com a presença do garimpo. A aldeia de Papiu nunca teve

um caso de malária. Agora malária é epidemia — e com um agravante — afirma Oneron: "Qualquer pessoa faz o tratamento. E a malária, quando recebe um tratamento incompleto, deixa cepas resistentes, difíceis de se curar". Em 87, a "Casa do Índio" atendeu sete índios Yanomamis do Papiu. Só no mês passado, o posto atendeu 70 índios do Papiu, a metade deles com malária, acompanhada de desnutrição e infecções agudas.

A falta de dados estatísticos seguros é grave. Mas é fácil constatar a incidência do alcoolismo entre os índios Mucajá, por exemplo. No foco principal do garimpo a caça é rara, o peixe é inexistente. O barulho dos aviões espanta a caça — e o mercúrio acaba com os peixes. Os índios passam a comer alimentos trocados com os garimpeiros (biscoitos refinados, Coca-Cola, bebidas

alcoólicas). O índice de cárie aumentou. As crianças ficam inchadas, porém, desnutridas. As doenças venéreas começam a se alastrar: "E também com o agravante de que um tratamento inadequado pode transformar uma gonorréia em uma uretrite ou prostratite".

Oneron alerta: todos os Yanomamis e todos os garimpeiros estão sendo intoxicados pelo mercúrio. E o mercúrio é cumulativo. Ele pode se manifestar em más formações congênitas. Será que é preciso nascer uma criança com defeitos físicos para se descobrir que o mercúrio é nocivo?

A região dos Yanomamis é a única onde existe uma doença chamada oncosose. Ela é transmitida por uma espécie de "borrachudo" que deposita uma larva na pele. Os sintomas são a perda da elasticidade da pele, as cocei-

ras e, em estágio avançado, atingindo o olho, podendo provocar cegueira. Oneron estima que 90 a 95 por cento dos Yanomamis estejam contaminados pela doença: "Até agora, a doença estava restrita aos Yanomamis pelo isolamento. Mas com os garimpeiros, ela pode se alastrar pelo País, se transformando em uma epidemia e uma questão de saúde pública".

Desde o começo do ano até julho, o posto de Boa Vista não recebeu, praticamente, nenhum recurso para trabalhar. Não existe a menor estrutura de apoio para resolver o problema de saúde do índio na área: "E depois não adianta se pensar em planos de assistência curativa, em caráter emergencial, enquanto não se resolver o problema do garimpo. Qualquer projeto de saúde tem de passar por isto" — arremata Oneron.

PROGRAMAÇÃO

Segunda-Feira

20h00 — Sessão especial da Comissão de Direitos Humanos da OAB — Ordem dos Advogados do Brasil para discutir a questão Yanomami. Local: sede da OAB (1516 Norte)

Terça-Feira

09h00 — Debate entre lideranças indígenas, presidentiáveis e jornalistas sobre a política indigenista para o próximo governo.
14h00 — Debate sobre a violação aos direitos constitucionais das nações indígenas no Brasil e o exterior: Yanomami. Local: Anfiteatro 9 da Ala Sul do ICC (Minhocão) — IHR

Quarta-Feira

14h00 às 18h00 — Entrega nos comitês de candidatos à Presidência da República de documento sobre as agressões aos povos indígenas no Brasil. Local: Auditório Nereu Ramos da Câmara dos Deputados.

Quinta-Feira

09h30 — Ato público na rampa do Congresso Nacional e caminhada até o Palácio do Planalto de lideranças indígenas e entidades civis, sindicais e estudantis para entrega ao Presidente da República de documento sobre o genocídio contra o povo Yanomami.